



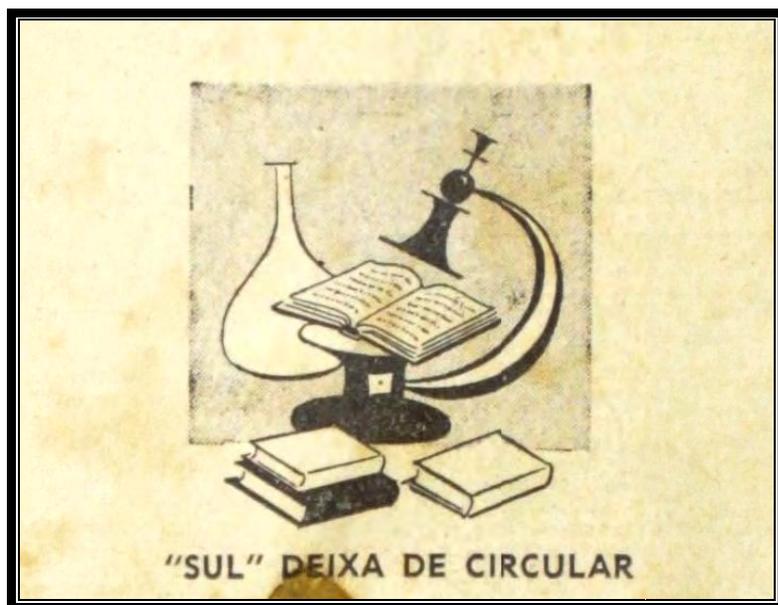
UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA

FAED
Centro de Ciências
Humanas e da Educação



DCH
Instituto de Documentação e
Investigação em Ciências Humanas

Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel



A MORTE DA **SUL** NOTÍCIAS DE JORNALIS

Organização e digitalização: Iraci Borszcz
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

Número	Referência / Descrição / Notas
001	MIGUEL, Salim. A Morte da "Sul". Para Todos: Quinzenário da Cultura Brasileira . Rio, S. Paulo, ano II, n.33/34, pag. 2, 1.a. quinzena de out. [1957]
002	SECRETARIA de Educação e Cultura. Cópia, Florianópolis 8 de ago. 1957
003	AINDA sobre a Revista Sul. O Estado , Florianópolis, 15 de abr. de 1958.
004	COELHO, Saldanha. O governador e os literatos. Diário Carioca , Rio de Janeiro, 23 de fev. d e1958
005	MELO FILHO, Osvaldo F. de. Uma carta. [O estado] . Florianópolis, 4 de maio de 1958.
006	SILVA, George Agostinho da Silva (Dir.). Coincidência dolorosa: considerações.
007	PIRES, Anibal Nunes; MELO FILHO, Osvaldo F. Uma Carta. O Estado , Florianópolis, 30 de abr. 1958.
008	MORREU a Revista sul. A Hora, São Paulo. 6 de mar. de 1958
009	COELHO, Saldanha. A réplica de "Sul". Diário Carioca , Rio de Janeiro, [1958].
010	ISTO é fato. O Estado , Florianópolis, 30 de abr. de 1958.
011	LENZI, Silveira. Revista Sul. Folha Acadêmica , Florianópolis, mar. 1958.
012	JANTAR de despedida. Unidade , Florianópolis, 15-22 mar. de 1958.
013	MIGUEL, Salim. Atitude primaríssima. O Estado , Florianópolis, 4 de maio de 1958.
014	SUL. Gazeta de Notícias . Ceará, 16 de mar. de 1958.
015	CONDÉ, José. "Sul" deixa de circular. Correio da Manhã , Rio de Janeiro, 11 de abr. de 1958. Escritores e livros pag. 14
016	FERREIRA, Gevaldino. Uma revista que morre. A Hora , Porto Alegre 26 de mar. de 1958.
017	"Sul" – Morte aos dez anos. O Estado – Letras e Artes , Fortaleza, 16 de mar. de 1958.
018	O QUE vai pela literatura em Santa Catarina. Província do Brasil – Jornal de Letras , out. [1958]
019	NOTICIÁRIO: a morte da "Sul". [1958]
020	RODRIGUE, D. Viagens & gente. [A Claridade – semanário , Itajai 7 de mar. de 1958]
021	PEREIRA, Astojildo. Folhetim. [Imprensa Popular , Rio de Janeiro, 23 abr. de 1958]
022	SILVA, George Agostinho da Silva (Dir.). Coincidência infeliz. O Estado , Florianópolis, 4 de maio d e1958.
023	COELHO, Saldanha. Réplica de "litoral". Diário Carioca , Rio de Janeiro, 4 de maio de 1958.
024	APÓS dez anos de inestimáveis servilos à cultura catarinense: morreu, por falta de recursos, a revista "Sul". O Estado , Florianópolis, 26 de fev. de 1958.
025	REVISTA sul n.30. São Paulo 1958. Texto datilografado contendo nota: Revista Anhembí, São Paulo, n. 89 abr. 1958.
026	MACHADO, Jorá Ribeiro. A turma de rapazes . Porto Alegre março de 1958. Carta datilografada

A MORTE DA "SUL"

A revista "Sul" agoniza. Vai morrer. E terá entêrro de primeira, de acôrdo com tôdas as convenções pre estabelecidas: visitas, choros, pêsames, velas, discursos, grande acompanhamento, tudo convenientemente regulado. E até nota nos jornais. Que me conste é o primeiro entêrro de luxo, com banquete posterior pnde se dirá das qualidades do finado, que acontece a uma publicação literária. E entêrro prèviamente determinado. "Sul" está morrendo de morte matada.



Por quase uma década ela movimentou o modorrento ambiente literário da Ilha de Santa Catarina. Neste período, em Florianópolis, algumas coisas surgiram. Boas e más. Nem tudo como se desejava — ou com o nível que se desejava — pois dificuldades e incompreensões sobejavam. E se mais não foi feito, culpe-se ao meio e culpe-se também ao próprio grupo da revista que talvez não tenha sabido contornar situações e limar arestas. Procurando congregar, atrair, discutir, debater problemas, por vêzes não só não o conseguiu, como também afastou e quando o fêz foi de forma errônea. De qualquer maneira, a revista cumpriu sua missão. Além dela, influenciados por ela, houveram por bem vir à luz: edições, teatro experimental, exposições, conferências, clube de cinema, etc. E por último, cinema. E os meios culturais do país tomaram co-

nhecimento da existência de Santa Catarina.

Não lamentemos a morte. Aceltemos como uma decorrência natural da vida; o seu passamento. Embora alguns remédios tenham sido tentados para prolongar-lhe a existência, resultaram todos inúteis. E a verdade é que sua hora havia chegado. Morre matada.

Vem aí o nº 30 — e com êle o fim. E para êle a revista se preparou, se enfeitou — vem melhorada, como sempre desejaria ter sido. Trará um levantamento do que foi feito, uma análise, um retrospecto, pois a morta fará seu próprio necrológio, se autografará. Dirá do que realizou e do que deixou de realizar nestes 29 números passados. Falará das edições e cadernos lançados. Fará uma autolouvação e uma autocrítica.

Mas mesmo morta, continuará, isto estamos certos, a influir, a ajudar na melhoria das condições da província, a procurar ajudar com sua experiência os "novos" novos. Hoje, embora não seja ainda nada daquilo que seria de desejar, o ambiente provinciano já vai sofrendo algumas modificações. Lentas, mas constantes e já perceptíveis. E se nenhum dos nomes que a revista projetou ficar por si só, como realização, ficará, não há dúvida, o movimento. Já hoje é impossível ignorar a contribuição da "Sul" no seio das letras catarinenses.

Portanto, não lamentemos a morte; nem a choremos muito. Saudemo-la carinhosamente; lembremo-nos dela com ternura. Que a terra lhe seja leve. Amem.

SALIM MIGUEL

Secretaria de Educação e Cultura

C Ó P I A

Florianópolis, 8 de agosto de 1957

Senhor Diretor:

Tendo chegado ao conhe-

cimento desta Diretoria que se cogitava de suspender a publicação da Revista Sul, peço a V. Sa. o favor de entrar em entendimento conosco, no sentido de se tomarem as necessárias providências.

Apresento a V. Sa. os protestos de consideração e apreço.

George Agostinho da Silva,
Diretor

Ao Ilmo Sr.

Diretor da Revista Sul
A. S. da Livraria Anita Garibaldi

Nesta

"O ESTADO" o mais antigo Diário de Santa Catarina

Ainda sôbre a Revista Sul

Recebemos:

9 de abril de 1958

Ilustríssimo Senhor:

Em referência à carta publicada em sua Crônica Literária do Diário Carióca, de 6 do corrente, tenho a honra de comunicar a V. Sa. o seguinte:

1. A Imprensa Oficial, apesar de todas as dificuldades que provêm de deficiências de instalação e material, sempre tem mostrado a maior boa vontade em atender iniciativas culturais. Sem mencionar outros serviços que poderiam ser indicados, basta dizer que nos primeiros dois anos do presente governo realizou ela trabalhos de natureza cultural e inteiramente gratuitos para seus proponentes, no valor de seiscentos e sessenta e sete mil e setecentos e vinte e quatro cruzeiros (Cr\$ 667.724,00). Desta quantia foi dispendida com a Revista Sul cerca de 1/5: em números exatos — cento e vinte e seis mil e cento e setenta e sete cruzeiros (Cr\$ 126.170.000).

2. Apesar disto e de não ter recebido da Revista Sul nenhuma comunicação direta sôbre o assunto, resolveu a Diretoria, por saber que havia desejo, segundo parece, de publicar mais números do que aqueles que a Imprensa Oficial poderia entregar, solicitar de Sua Excelência o Senhor Governador, no que foi prontamente atendida, que se pusesse à disposição da Revista Sul a quantia necessária para que todos os anos em tipografia por ela própria escolhida, pudesse imprimir mais três números.

3. De posse desta autorização de Sua Excelência o Senhor Governador, reuniu-se na Diretoria de Cultura representantes da referida Revista, tendo apresentado a oferta acima e ainda mais a de pôr à disposição da Revista um funcionário, para que não mais se tivessem seus dirigentes que preocupar com as tarefas puramente administrativas da Revista.

4. Dando claramente mostras de todos os fatores de desagregação que foram a causa essencial do desaparecimento da Revista e apesar de todas as instâncias feitas para que se não interrompessem um empreendimento cultural que tantos valores revelou e que tanto honrou o Estado de Santa Catarina, não chegaram os representantes do Grupo a nenhuma decisão clara sôbre o assunto.

5. Em vista disso, para que novamente refletissem sôbre as propostas feitas e ao mesmo tempo para que ficasse em poder da Diretoria um documento que permitisse impedir qualquer espécie de exploração, não da parte de elementos do Grupo, como é evidente, mas de qualquer outra pessoa a ele alheia, enviou a Diretoria, alguns dias depois da reunião, e com data de 8 de agosto de 1957, ofício de que junto cópia e de que nunca chegou a esta Diretoria qualquer espécie de resposta.

6. Considerou-se portanto que não era falta de ajuda o que faltava ao Grupo, mas, na realidade, a força interna para que prosseguisse a sua tarefa. Pensando porém que ainda poderia ser possível salvar as tradições da Revista transformando-a em editorial, propôs-se esta solução, primeiro, particularmente a vários membros do Grupo e, depois, na reunião mencionada na carta. Nunca se cogitou em aproveitar comercialmente a fama de "Sul": pensou-se apenas em dar-lhes qualquer espécie de continuidade ou de sobrevivência. A idéia não foi claramente repelida nem nos entendimentos particulares nem na referida reunião: pareceu, pelo contrário, ser viável e a tal ponto que se encarregaram dois dos membros do Grupo de redigir o necessário ato de fundação: coisa que até hoje, decorridos vários meses, ainda se não fez.

7. De tudo se infere que, por um motivo ou outro, o

Ainda Sôbre...

(Cont. da 7.a pág.)

turalmente nem o governo nem a Diretoria de Cultura têm qualquer espécie de culpa.

O MAU FUNCIONAMENTO DOS RINS PROVOCA INDISPOSIÇÕES CONSTANTES

Freqüentemente, as pessoas sentem dores nas costas, dores de cabeça, tonteira, desânimo, cansaço excessivo, mas raramente se lembram que isso pode ser provocado pelo mau funcionamento dos rins. O perfeito funcionamento dos rins é muito importante para uma boa saúde. Sentindo esses sintomas, não se descuide, pense nos seus rins e experimente um diurético suave e seguro — as Pímulas Foster. Usada por milhões de pessoas em todo o mundo, com ótimos resultados, as Pímulas Foster são um alívio rápido para males que provêm dos rins. Seus r- contém 24.000 metros de tubos e filtros, que noite e dia estão eliminando resíduos. Cuide deles com carinho usando as Pímulas Foster.



8. Quanto a "histórias" referentes ao edifício da nova biblioteca e aos auxílios culturais concedidos pelo governo, aguarda esta Diretoria que o autor da carta seja mais explícito no que se refere ao assunto: tem apenas a declarar, de momento, que todas as despesas apontadas estão devidamente documentadas nos processos desta Diretoria e do Tesouro do Estado.

9. De qualquer modo, o incidente da Revista Sul em nada afeta a apreciação do esforço que a revista representou nem a disposição em que se encontra o governo de amparar todos os movimentos culturais que surgirem em Santa Catarina. As verbas aplicadas neste capítulo aumentam a cada nova proposta orçamentária e é evidente que no campo especial de atividade do Grupo Sul outros movimentos estão surgindo, por ventura tão importantes quanto este e com os fatores de entusiasmo e de vitalidade que, ao fim do longo esforço, faltaram ao Grupo mencionado. De nenhuma forma, poderão quaisquer possíveis decepções causadas pelos que acabam perturbar a simpatia e o gosto com que se apoia os que vão principiar.

Agradecendo a V. Sa. a atenção que prestar a este ofício, reiteiro a V. Sa. os meus protestos de elevada consideração e apreço.
George Agostinho da Silva,
Diretor

que, faltou no Grupo foi, efetivamente, a capacidade de lutar contra os fatores internos de desagregação de que se fala na carta e que por uma reação natural se procurou transferir esta responsabilidade para fatores externos tão facilmente removíveis. É, no entanto, assunto em que na-

(Cont. na 9.a pág.)

CRÔNICA LITERÁRIA:

O Governador e os literatos

SALDANHA COELHO

QUANDO do plantio das palmeiras do Museu de Arte Moderna, estive rapidamente com meu amigo Jorge Lacerda, Governador de Santa Catarina, mas não o bastante para ter oportunidade de transmitir-lhe algumas queixas de jovens escritores seus conterrâneos. E se agora faço, é porque esses reclamam ainda se justificam e por certo serão ouvidos pelo nosso caro governador, através de qualquer dos oitenta jornais em que esta coluna circula.

Para entrar em contato com escritores catiões, estive recentemente no Rio o jovem poeta Paschoal Apóstolo, diretor do suplemento literário de *O Estado*, de Florianópolis. E ao nos dar notícia das atividades de seus companheiros de literatura em Santa Catarina, entre os quais destacou os poetas C. Ronald Schmidt, Di Soares e Pedro de Alencar, o contista Thallabas Martins e o cronista Nicolau Apóstolo, falou-me então do esquecimento em que os tem deixado o governador Jorge Lacerda, para quem já apelaram muitas vezes mas sem nenhum resultado.

Se não se tratasse de Jorge Lacerda, tal revelação não causaria surpresa pois é sabido o descaso com que em geral os homens de governo olham para as iniciativas culturais. Mas no caso do Governador de Santa Catarina a atitude é estranha. Jorge Lacerda foi o fundador de *Letras e Artes*, suplemento que circulava em *A Manhã*, e pela sua importância tornou-se o periódico literário de maior projeção em todo o Brasil.

Naquela época, ou melhor, nos seus primeiros anos de circulação, *Letras e Artes* não in-

dicava que seu diretor seria um político. E muito menos um político que iria esquecê-lo. Como diretor do suplemento, Jorge Lacerda foi brilhante. Como político, sua carreira é das mais notáveis. E ele merece os feitos, pelas suas grandes qualidades pessoais. Não compreendemos, portanto, o seu alheamento àqueles que o cercavam em *Letras e Artes*, embora vivendo em Santa Catarina.

A revista *Sul*, dirigida por Aníbal Nunes Pires e Salim Miguel, e o Museu que Marques Rebelo fundou em Florianópolis deixados ao abandono por Jorge Lacerda, perderam sua razão de ser. Soubemos, aliás, que o Museu está hoje transformado num barracão exposto ao sol e às goteiras. Os rapazes do suplemento de *O Estado*, a seu turno, aguardam ainda uma resposta de Jorge Lacerda a seus apelos.

Não temos delegação de poderes de nenhum grupo literário de Santa Catarina para pedir em seu nome o auxílio do governador Jorge Lacerda. Paschoal Apóstolo, ao nos fazer estas revelações em conversa, fê-las num tom silencioso, quase de registro apenas. Por outro lado, apesar dos pesares, exaltou com frequência as qualidades de Jorge Lacerda como homem e como administrador. Mas esta causa não me parece daquelas para a qual se tenha que buscar um grande advogado, é das mais fáceis de se defender. Não nos faltaram o flagrante nem as testemunhas. Com todo o respeito e a amizade que lhe votamos, não podemos deixar de reconhecer em Jorge Lacerda o reu... enquanto não cumprir a pena de ajudar a nova geração de escritores "barriga-verde", que tanto o admira.

Diário Carioca
Rio de Janeiro, 23/2/58

UMA CARTA

Fpolis, 4-5-58

Sr. Diretor:

Trechos da carta encimada por "Coincidência Infeliz", publicada nêsse conceituado jornal, nesta data, obrigam-me a pedir a V. Sa. por mais uma vez, espaço para algumas observações.

Num momento da conversação telefônica a que aludiu o Prof. Agostinho da Silva — a qual, aliás, foi estabelecida por motivos muito alheios aos debates em questão — tive oportunidade de frisar que nossa participação nessa troca de esclarecimentos não implicava em aceitar qualquer interpretação política que fosse emprestada ao caso, visto que minha intenção — e a do Prof. Nunes Pires — era a de trazer considerações que julgávamos necessárias e urgentes.

Quanto às referências do item 4, penso que até então não se discutia valor pessoal de ninguém. Tratava-se do mérito daquele longo trabalho de dez anos que fôra realizado pelo Grupo Sul, e que me parecera subestimado pelo ilustre Diretor de Cultu-

ra. Mas, como a "Introdução à História da Literatura Catarinense" veio à baila, cumpre-me acrescentar que, de fato, por iniciativa do citado Professor, os originais foram trazidos do Instituto Nacional do Livro, onde se alistara numa longa fila, após ter sido aprovada a sua inclusão na série Documentos Brasileiros — para serem impressos em Santa Catarina, sem mais os aborrecimentos de uma espera que poderia prolongar-se, e onde contaria com o patrocínio do Centro de Estudos Filológicos, ao qual honra-me pertencer. Os agradecimentos que, por dever de justiça e gratidão, devo ao Prof. George Agostinho da Silva, pelas atividades no sentido de que a obra fôsse publicada sem demora, e com tão alto patrocínio, eu pensava fazê-los, na ocasião oportuna. Apenas nenhum, em caráter especial, ao suposto reparo "a um erro técnico", por não estar eu sabendo do que se trata. Sei apenas que a comissão devidamente credenciada pelo Centro, após leitura do trabalho em tela, concluiu

por recomendá-lo, sem restrições, à publicação. E essa douta Comissão era integrada pelos Professores Oswaldo R. Cabral, Aníbal Nunes Pires e George Agostinho da Silva.

Preto, com esta carta, Sr. Diretor, fazer ponto final nessa série de esclarecimentos. O que eu tinha a dizer, a bem da verdade, sem insinuações dúbias, já o disse. Pouca coisa do que se vem discutindo, neste final de polêmica, é passível de comprovação, por se atar a afirmações pessoais. Além disso, estar repetindo coisas que já foram ditas é cansativo e a ninguém aproveitável. Lamento apenas que alguns de meus depoimentos tivessem que se esbarrar contra os de uma das figuras de nossa vida intelectual a quem mais admito. Mas penso ter, com minhas palavras, ajudado a esclarecer alguma coisa.

Assim, agradecendo a atenção que a esta for dispensada, prometo não mais voltar ao assunto.

Cordialmente,
Osvaldo F. de Melo (filho)

Coincidência Dolorosa: Considerações

Recebeu, o nosso Diretor em data de 25 do corrente o seguinte:

Senhor Diretor:

Embora a questão esteja interessada cada vez menos gente e pareça a muitos tratar-se sobretudo de um esforço de fazer durar pela lembrança o nome do grupo a que se refere, tomo a liberdade de, em referência à local "Coincidência dolorosa", publicada no jornal "O Estado", de 20 do corrente, acentuar o seguinte:

1. Conclui-se da referida local que a Diretoria de Cultura fez várias propostas no

sentido de assegurar a continuidade da revista e das edições;

2. conclui-se que a nenhuma delas deu o grupo qualquer espécie de atenção, nem sequer apresentando nenhuma contra proposta, o que dá clara idéia da incapacidade de continuar a que já tem sido aludido; pareceria até a muitos que as dificuldades externas foram apenas um pretexto para dar realização a tendências internas;

3. conclui-se que os membros do grupo que tomaram o compromisso de apresentar os estatutos do editorial o não cumpriram até hoje, nem parecem dispostos a cumprir.

4. A Orquestra Sinfônica recebeu do Estado tudo quanto pediu: não cabe ao governo culpa nenhuma do seu silêncio.

5. A Comissão de Folclore obteve igualmente da Diretoria de Cultura tudo quanto pediu: impressão de milhares do Inquérito Folclórico, sua expedição e recolla; se mais tivesse pedido

mais lhe teria sido dado, tal a consideração que merecem à Diretoria todos os membros da referida Comissão.

6. Bastará uma simples visita ao Museu para se provar que as afirmações da carta a este respeito são pelo menos tão infundadas quanto a respeito dos outros assuntos; e as instalações materiais que se realizaram são apenas o ponto de apoio para o movimento cultural

que está programado.

7. Não cremos que haja coincidências dolorosas, quanto a cultura, no atual período de governo; pelo contrário, os anos que correm serão considerados no futuro como a base em que se alicerçam a estruturação e expansão da cultura de Santa Catarina; já muito do que se fez está sendo modelo e modelo mais perfeito ainda será muito do que

se fizer; e o desaparecimento de velhos grupos pode significar apenas que se tratou de substituir aparências por verdadeiras realidades.

Agradecendo a V. Sa. a publicação desta carta, reitero a V. Sa., Senhor Diretor, os protestos de consideração e apreço.

George Agostinho da Silva,
Diretor

Uma Carta

Sr. Diretor:

Aos esclarecimentos que vêm sendo publicados por esse jornal, a propósito do desaparecimento da "REVISTA SUL", temos a acrescentar o seguinte:

a) A insistentemente citada reunião, com o fim de se estudar a organização de uma editora, foi realizada por sugestão do Prof. George Agostinho da Silva, em caráter particular, e nela tomaram parte pessoas interessadas, fora de qualquer espírito de grupo literário. Os signatários da presente foram encarregados do estudo do aspecto jurídico daquela empresa e a conclusão desses estudos será comunicada, particularmente, a cada um dos que se fizeram presentes à reunião, em virtude de não haver

qualquer compromisso oficial entre os interessados.

b) Estranhamos as considerações contidas no item 7 da carta em espécie, inserta na edição de 27 do corrente, por julgarmos que as atividades do grupo SUL, pela maneira como foram sempre realizadas e pela alta repercussão que alcançaram no Brasil e no exterior, acentadamente em Portugal, (conforme documentação bastante, arquivada) essas atividades dizíamos, significam alguma coisa a mais que simples APARENCIAS, capazes de serem agora, substituídas, num golpe de mágica, por "verdadeiras realidades".

Atenciosamente,

Anibal Nunes Pires e
Osvaldo F. de Melo (filho).

Vida Literaria

FERNANDO GOES

A Academia de Letras e o Congresso Internacional de Escritores

No volume publicado pela Anhembi e que reúne os debates verificados durante o Congresso Internacional de Escritores e os encontros intelectuais que tiveram lugar aqui em São Paulo, há quatro anos, há muita, muita coisa interessante. Uma delas, por exemplo, são as palavras pronunciadas por Marques Rebelo, em uma das sessões, quando a propósito de idéias expendidas por João Carvalho Ribas, referiu-se, sob os aplausos gerais, acerca da Academia Brasileira.

As palavras do ficcionista de "Stela me abriu a porta" são as seguintes, tais como as registrou a taquigrafia, que menciona também as palmas que o orador recebeu:

"... Se nós fossemos adotar aqui processos de pesquisas de valores artísticos, isto seria uma verdadeira babilônia! Vou citar um pequenino exemplo: na casa tão pacífica, tão arcaica, tão idiota, que é a Academia de Letras (Palmas) — vejam que estou jalando da brasileira — uma vez um insensato propôs que se gravasse em disco a voz daqueles que jalssem. Foi uma correria para se saber quem iria gravar primeiro"...



MARQUES REBELO: disse mal da Academia sob os aplausos gerais do Congresso (de Escritores).

DOIS CURSOS DE LITERATURA

O primeiro será ministrado a partir do dia 20 do corrente, por Eduardo Bizzarri, e versará sobre a literatura italiana contemporânea. As aulas serão proferidas todas as quintas-feiras, a partir daquele dia, às 17 horas, à rua Sete de Abril, 230, 5.º andar, obedecendo ao seguinte programa: Letras italianas no primeiro após-guerra; Giuseppe Ungaretti e a nova procura poética; Vincenzo Cardarelli e a "Ronda"; Massimo Mon-

tempelli e o Novecentissimo; Emillo Cecchi e a critica; Trilussa; Aldo Palazzeschi; Corrado Alvaro; Alberto Moravia; O humorismo — Baldini e Zavattini; Francesco Flora e a exigencia humanistica; Ignacio Silone.

O outro curso será iniciado dia 1.º de abril por Homero Silveira, no mesmo local (Instituto Cultural Italo-Brasileiro) e terá por tema a poesia brasileira contemporânea.

MORREU A REVISTA SUL

Comunicam-nos:

«A revista «Sul», que, durante tantos anos representou grande parte da cultura catarinense, «faleceu», ao completar a sua 30.ª edição. Morre a revista «Sul», principalmente por não ter encontrado apoio por parte daqueles que deveriam proteger este órgão de cultura, o governador de Santa Catarina, Jorge Lacerda, que, durante varios anos dirigiu o suplemento «Letras e Artes». Ao contrario do que seria de se esperar, de sua condição de intelectual, negou um apoio mais decidido à turma de «Sul», criando grande

parte das condições para seu desaparecimento. No entanto, embora deixando, definitivamente de circular a revista, a turma de «Sul» não se desfez nem des-cansará. Dirigido pelo escritor Salim Miguel, circulará um mensario de cultura, cujo nome ainda não foi definido. O mensario terá aspecto de jornal, em tabloide. Mensario sucessor de «Sul» terá caracter mais amplo do que a revista: será um órgão de cultura, em geral, ao passo que aquela era um órgão literario. Possivelmente, em fins de março ou inicio de abril, estará em circulação.

ANISTIA (FINANCEIRA)

E' o que decidiu em sua ultima reunião a diretoria da União Brasileira de Escritores, com referencia aos associados das extintas Sociedade Paulista de Escritores e Associação Brasileira de Escritores. Os que estavam em debito para com aquelas entidades, terão vida nova na U.B.E.



Rosa dos Ventos

• Van Jafa, poeta e crítico de cinema, vai publicar este ano um livro de crônicas, que por sugestão de Carlos Drummond de Andrade se chamará — "O Negocio e o Seguinte: Crônicas de Van Jafa".

• Para a 1.ª edição de "Vila dos Confins", de Mario Palmério, Antonio Houaiss preparou um glossario, que esclarecerá o leitor sobre os modismos e o vocabulário regional que caracteriza o livro.

CRÔNICA LITERÁRIA

A réplica de "Sul"

SALDANHA COELHO

CONTESTANDO as declarações que nos foram feitas pelo prof. George Agostinho da Silva, da Secretaria de Educação e Cultura de Santa Catarina, em nome do Governador do Estado, sr. Jorge Lacerda, escrevi-vos o contista Salim Miguel, um dos diretores da revista "Sul", uma carta que passamos a transcrever:

"Já que estamos em maré de esclarecimentos, deixe-me também procurar esclarecer alguma coisa, a respeito das informações que lhe deu o diretor do suplemento do jornal "O Estado", e das posteriores contestações do Diretor da Diretoria de Cultura, da Secretaria de Educação e Cultura.

Espero ser breve.

Vou me ater, apenas, à parte que, tanto num como noutro, se refere à revista "Sul".

O pensamento da revista vem expresso, de maneira clara, no editorial do número de despedida (nº 30), quando se diz que fatores internos e externos levaram a tal fim, motivando a suspensão da publicação da revista, depois de dez anos de atividades.

Fatores internos: desagregação, por motivos vários, do chamado "grupo Sul".

Fatores externos: cada vez maiores dificuldades financeiras e, nos últimos tempos, aumento das dificuldades em se conseguir, devido ao constante aumento e acúmulo de serviços, que as oficinas da Imprensa

Oficial do Estado de Santa Catarina continuassem a fazer a revista. Tanto isto é verdade, que dos 4 números anuais, para não se falar nas edições, às vezes se tirava apenas um, como ocorreu em 1957, já que o número 30, embora com data de dezembro, na verdade só foi aparecer em fevereiro do corrente ano.

Ora, a estas duas coisas se deve o fim da "Sul". E isto ficou bem expresso na própria revista, através do seu editorial, que é bem claro, que não dá motivo a dúvidas. E que está expresso com a franqueza que sempre nos caracterizou.

O que quer que digam "a" ou "b", é por conta própria e nada temos com isto. Se o diretor do suplemento de "O Estado" foi se "queixar" a você do mui ilustre intelectual dr. Jorge Lacerda, é problema dele.

Quanto à explicação do professor George Agostinho da Silva, lamento dizer que, no respeitante a nós da "Sul", ela não explica nada. Por que? Porque na reunião realizada na Diretoria de Cultura, lá mesmo teve ele a resposta de que a solução proposta não solucionaria coisa alguma. E saímos de lá da mesma forma como havíamos entrado: com a disposição, já que nenhum caminho encontramos, já que tínhamos perdido aquele "élan" inicial que nos fazia levar por diante as dificuldades, enquanto estas agora se avolumavam, de suspender a publicação da revista. Com isto até mesmo o

prof. concordou. Isto não significava, desejamos esclarecer, que a missão da revista estivesse "ultrapassada". Cumprida, sim.

Logo adiante, na sua carta, declara o professor: "Apesar disto tentou esta diretoria que se transformasse a revista em editorial; até agora não há qualquer decisão sobre o assunto". Ora, que o professor queira defender sua posição e seu cargo, mais ainda o Governador a que serve, o dr. Jorge Lacerda, ex-diretor do suplemento "Letras e Artes", se compreende. Especialmente por ser o dr. Jorge Lacerda um intelectual e considerado nos meios culturais como pessoa incentivadora das coisas do espírito. Compreende-se que não fica bem terminar logo no governo dele uma publicação que se manteve durante dez anos lutando, aplaudida por quase todos, pelo próprio dr. Jorge Lacerda, levando ela como levava a mensagem dos novos de Santa Catarina a todos os recantos do país e mesmo ao exterior. É mesmo louvável o afã do professor Agostinho em defender o dr. Jorge Lacerda. O que não se compreende nem tem explicação é que isto seja feito a custa de um esquecimento ou uma inverdade. Já me explico: Sabe muito bem o professor George Agostinho da Silva, e sabe-o talvez melhor do que eu, que a reunião, realizada na residência do escritor Osvaldo F. de Melo Filho, e por ele professor George Agostinho da Silva provocada, não visava "transformar a revista "Sul" em editorial". Era, isto sim, para se organizar uma sociedade editora, por quotas, e se possível manter-se a denominação "Sul", cedida pelo grupo "Sul" (revista e editora), que ia encerrar

suas atividades. Pergunta-se: qual a finalidade. Por que não um nome novo? E que, se julgou, e com razão, que o nome "Sul", já conhecido no país, facilitaria a tarefa da nôvel editora. Portanto, está mais do que claro que "nada tinha" com a "Sul" que suspendia suas atividades. Ai estão, para confirmar o que acabei de relatar, os demais participantes da referida reunião: escritores e professores. Eudoro de Sousa, Osvaldo R. Cabral, Valter F. Piazza, Osvaldo F. de Melo Filho e Anibal Nunes Pires.

Poderia, antes de encerrar, esclarecer a respeito dos enormes auxílios concedidos e do "edifício de seis andares projetado por Oscar Niemeyer com a colaboração de Flávio de Aquino, onde serão instalados condignamente museu, biblioteca e filmoteca". São histórias de veras curiosas. Mas o próprio professor George Agostinho da Silva, muito melhor do que eu, as poderá relatar.

Com você vê, no que tange à "Sul", a explicação do Diretor da Diretoria de Cultura deixou muitos claros. E isto é de veras lamentável quando se trata de uma inteligência e uma cultura como a do prof. George Agostinho da Silva, homem e escritor de admirável passado e de quem muito esperamos.

Grato pela publicação da presente, aqui fica, com um abraço, o admirador e amigo. — Salim Miguel".

A margem da disputa que coloca de um lado o Prof. George Agostinho da Silva (em nome do Governo) e de outro o grupo Sul, este jornal tem agasalhado as razões de um e as retificações do outro. Não vai, ainda, agora tomar posição. Mas entende de fixar certas verdades que virão, talvez, significar que os motivos dos moços do Sul, em reclamar do governador atual, tem a sua procedência.

x x x

O Governador de Santa Catarina não rejeita o apelido de intelectual, amante das letras, jornalista, poeta, escritor inédito, etc. E como quem cala, diz o refão popular, consente, admitimos que o Senhor Lacerda se vê homem de letras e protetor da cultura. Em outras plagas e em tempos outros, Sua Excia. pode ter sido mecenas. Em Santa Catarina se tem revelado pouco inclinado a uma ação decisiva em prol do nosso alevantamento cultural. A "ação" do Governador ninguém a vê transformada em fatos. Ouvem-se-lhe as palavras e as promessas. Leem-se até, por vezes, as leis e os decretos. Mas realidade palpável, concreta, onde está, onde se esconde?

E Sua Excia. que já marcha para o terceiro ano de governo, vale dizer, para o fim do mandato, — ou se apressa, ou encerrará o seu ciclo de mando (estava a dizer desmando), sem ter obra alguma, em benefício da cultura ou da coletividade, que lhe marque a existência e a passagem em terras catarinenses.

x x x

Argumentar-se-á que o Governador criou

duas Faculdades de Engenharia e uma de Química; que nomeou os membros do Conselho Universitário da Universidade de Santa Catarina; que assistiu ao início da construção do sistema viário da Cidade Universitária; que doou apólices à Faculdade de Medicina; que ampliou os subsídios à Faculdade de Filosofia; que subsidiou a futura Faculdade de Serviço Social, entregando-lhe apólices; que contratou as obras do Instituto de Educação de Florianópolis; que tem ajudado "enormemente" a Faculdade de Farmácia e Odontologia.

x x x

O Governador realmente sancionou as leis

ISTO É FATO..

que criaram as Faculdades mencionadas mas elas só existem na lei e na vontade do povo de Joinville e dos moços de Florianópolis.

O Governador, de fato, nomeou os membros do Conselho Universitário. Mas esqueceu de designar o Presidente do Conselho. Resultado: o Conselho não funciona. É como se não existisse...

Com a desídia governamental deixaram de ser aplicados em benefício da Universidade cerca de 25 milhões de cruzeiros, previstos nos orçamentos para 1956 e 1957, em face da lei que criou a Universidade de Santa Catarina.

E, se até o fim do ano, o Presidente do Con-

selho Universitário não tiver sido nomeado, mais Cr\$ 15 milhões — também orçamentários — não terão aplicação nas obras da Universidade.

O Governador, com certeza, presidiu ao início da construção do sistema viário da futura Cidade Universitária. Mas, as obras ficaram apenas nas placas...

O Governador atribuiu uma renda de pouco mais de 700 contos à Faculdade de Medicina, pagável quando... ela estiver em funcionamento.

Ora, o que preocupa a classe médica — e os que estão à frente da Faculdade de Medicina —, é o equipamento da Faculdade, para que possa obter licença para funcionar. Precisam dinheiro

antes, já, para cumprirem as exigências ministeriais.

O Governador, porém, só dá depois.

E a Faculdade de Medicina poderá sair?

Poderia, sim, se os milhões de 1956, 1957 e 1958, previstos para a Universidade fossem e sejam aplicados.

O Governador contratou a construção do Instituto de Educação.

É verdade. Mas a forma de contrato, o protectionismo que ela incarna invalida o ato.

O Governador também não se esqueceu da Faculdade de Farmácia e Odontologia... Sim. É verdade. É o que anunciam os jornais. Mas, a

participação de Sua Excia. ocorre depois de quanto esforço, de quantas idas e vindas (estávamos a dizer depois de quanta humilhação)...

x x x

Em matéria cultural, o dr. Jorge Lacerda não fez nada. Tudo quanto existe de positivo em Santa Catarina, S. Excia. já encontrou feito e vitorioso. O empreendimento da Universidade, para que recursos legais existiam e existem, não mereceu do Governador Lacerda atenção maior.

Pela forma como o doutor Lacerda trata os grandes assuntos, tal o do desenvolvimento universitário, é de se imaginar como Sua Excia. vê os pequenos (para as suas medidas), como este dos moços que, na sua modéstia, se projetaram no Brasil e no mundo português...

Em matéria de cultura o doutor Lacerda não fez nada. Pode ter esquemas, estruturas, idéias, planos. Estão no papel, ou no cérebro de quem imagina as idéias, os planos, as estruturas e os esquemas.

Do contrário ninguém nos convence.

Nem mesmo o esplêndido poder verbal do ilustre professor George Agostinho da Silva, poderá nos fazer ver Escolas onde elas não estão, Institutos onde não se encontram, nem crer em Faculdades de papel, em Bibliotecas em "maquette", ou no amor do doutor Lacerda pelas coisas do espírito.

E não nos convence o professor eminente porque os fatos militam a nosso favor e contra a sua argumentação.

O Estado
30/4/58

Unidade - Fm

15-22/3/58

PÁGINA 2

NOTICIÁRIO

B B B

Em nova fase, contendo agora não só amplas informações bibliográficas, mas também noticiário a respeito do movimento cultural, bem como entrevistas e informações diversas, está circulando o número de janeiro — fevereiro do Boletim Bibliográfico Brasileiro. Dirigido por José Cruz Medeiros e tendo como redator chefe Hélio Polvora, o B. B. B., nesta sua nova fase, poderá se tornar ainda mais do que já o era um órgão indispensável a todos os que, entre nós, se interessam pelos problemas do livro.

Jantar de despedida

Sábado, dia 8, no Rancho da Ilha, reuniram-se num jantar de despedida, direção, colaboradores e amigos da revista «SUL». Conforme já havia sido anunciado nesta coluna, com o número 30, há pouco aparecido, suspendia a revista, depois de dez anos de publicação, suas atividades. Conforme vinha no editorial, pensamento oficial da revista, a paralização se devia a dificuldades internas e externas, uma completando a outra.

Panorama do novo conto brasileiro

Em fase de organização o «Panorama do novo conto brasileiro», que deverá dar uma idéia do conto e de sua evolução no país nos últimos 20 anos. Eudras do Nascimento e Sotom Miguel estão encarregados do levantamento, já tendo em mãos trabalhos dos principais elementos que se vem dedicando ao gênero. «Panorama do novo conto brasileiro» deverá ser uma «Edição SUL», com distribuição em todo o país pela Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil.

Um lembrete

Gracilara Ramos, sem dúvida um de nossos melhores e mais conscientes escritores, gostava de frisar que «arte é dez por cento de inspiração e noventa por cento de transpiração». Aos que escrevem, aos que se iniciam, aos que falam a «facilidade» que é escrever, aos que não tem humildade nem compreensão diante dos problemas artísticos, bom seriam não só meditar, mas também gravarem em lugar bem visível a opinião do autor de «Angústia».

Recebemos;
Florianópolis, 30 de abril
de 1958
Ilmo. Sr.
Diretor do jornal "O Estado"
Rua Cons. Mafra
NESTA

Senhor Diretor:
A resposta do Diretor da
Diretoria de Cultura, publica-
da a 27 do corrente, não ha-
veria necessidade de retrucar,
porquanto, ali, nenhuma con-
testação é feita às afirmati-
vas contidas em minha carta
do dia 20. Bastará, ao leitor
bem intencionado, um con-
frono de ambas.

Se outra vez volto ao as-
sunto, é para dizer de minha
estupefação diante da atitu-
de primaríssima do Prof.
George A. da Silva. Sim, por-
que na resposta a que me
estou referindo, se depreen-
de claramente que o Diretor
de Cultura não viu maneira
de contestar o que eu tinha
asseverado. Então que fez? O

que é muito comum em se-
melhantes casos. Perdeu o
contrôle — e respondeu de
qualquer maneira, com raiva.
E a raiva é sempre má con-
selheira. Nunca se esperaria,
de uma pessoa que deve ter
tarimba e experiências de vi-
da, uma atitude que é uma
prova provada de falta de ar-
gumentação para rebater o
que disséramos. Porque, num
debate, onde pontos de vista
estão sendo discutidos, não há
como duvidar: quem grita,
quem foge ao tema, quem se
perde em ataques extemporâ-
neos, quem desconversa, é
porque lhe falecem argumen-
tos.

Mas vamos por ponto:
1 — É sumamente estranho
que se diga termos nós pro-
curado fazer durar pela lem-
brança o grupo. Digo estran-
ho porquanto quem começou
não fomos nós. Foi o próprio
Prof. George A. da Silva. Sim-
plesmente procuramos nos de-

fender e esclarecer os fatos.
Se precisássemos de tais ar-
tifícios para permanecer, ter-
íamos outros meios de fazê-
lo. Felizmente, quer queiram
quer não, o grupo SUL per-
manecerá. Permanecerá não
por o dizermos aqui e assim,
como num passe de mágica,
mas pelo que realizou, pelos

parecermos imodestos, a pu-
blicação de cartas, notícias,
artigos e comentários a res-
peito da "SUL", material ês-
te vindo das mais diferentes
e longinquas procedências e
que se encontra, em parte, em
nossos arquivos, à disposição
de quem queira consultá-lo.

2 — É bastante fácil colher

cumento por nós publicado a
respeito do Museu (e diga-se
de passagem, Museu, como
tantas coisas mais, criado sob
o influxo da revista) tem no-
me e endereço das duas pes-
soas que o encontraram em
tão lamentável estado, "os
quadros entre garrafas de
champanhe", tendo eles en-

Atitude primaríssima

problemas que levantou, pela
divulgação que fez, pelos con-
tacto que promoveu, pela a-
proximação e melhor conheci-
mento entre o que se fazia
fora e o que aqui se tentava.

Mas convenhamos, aceitemos
que nosso desejo fôsse pro-
curar permanecer. Que teria-
mos feito? Iniciaríamos, de
pronto, mesmo com receio de

informações a respeito de tô-
das as afirmativas que fize-
mos em nossa carta anterior.
Daremos apenas dois exem-
plos: A Orquestra Sinfônica
sòmente foi receber o tão pro-
palado auxílio depois de dis-
solvida por não encontrar
meios de se manter. E cremos
que reorganizar é muito mais
difícil do que manter. O do-

trado pela janela. É só escre-
ver... e veremos se é inven-
ção o que ali se conta.

3 — Em troca da realidade
que foi, durante dez anos, a
nossa atividade, com reper-
cussão não apenas no país
mas até mesmo no exterior,
chamada agora de "aparên-
cias", o Sr. Diretor da Dire-
toria de Cultura nos apresen-

ta uma possibilidade futura.
Ora muito bem. Vamos então
esperar calmamente. Mas con-
venhamos que é pouco, muito
pouco. Se dez anos, se uma
atividade cultural que se ex-
pandiu por todos os setores,
se tudo o que foi feito é apa-
rência, então como chamare-
mos uma vaga possibilidade
futura — e que pelos rarissi-
mos exemplos que temos vis-
to, nada promissora?

Não vou me demorar em
outros aspectos do problema.
Mesmo porque não tenho tem-
po a perder. Mas gostaria de
respingar aqui, ainda, duas
palavras.

Uma a respeito da tão co-
mentada segunda reunião. Já
ficou dito e redito que lá não
se encontravam elementos de
"grupo algum". E se assim ti-
vesse sido, é de se perguntar
por que o Sr. Diretor da Di-
retoria de Cultura, que é tão
cioso de seus ofícios, sempre
de ofício em riste, desta vez,

para uma reunião de tal im-
portância, não apresentou ofi-
c'lo algum? Sabe êle muito
bem — e sabem-no todos os
participantes — que não se
tratava de reunião da revista,
mas de reunião convocada pe-
lo Prof. George A. da Silva,
para... mas não vamos re-
pisar o que já ficou dito e
exaustivamente explicado. E

quanto ao tal compromisso,
me parece que a resposta das
passoas nele envolvidas, é su-
ficiente para pôr tudo em pra-
tos limpos.

E portanto, no que a nós diz
respeito, fim. Já dei as expli-
cações necessárias e não pre-
tendo continuar mais tempo
numa discussão que não leva-
rá a canto algum. E que, con-
forme se poderá observar pela
carta do Prof. George A. da
Silva, já deixou o terreno dos
debates para descambar para
o ataque ao grupo.

SALIM MIGUEL

O Estado - Flóps, 4/5/58

Gazeta de Notícias

O MATUTINO INDEPENDENTE DO CEARÁ

SUPLEMENTO

16/3/58

SUL

"SUL, com este número, o trigésimo, suspende suas atividades. Não sabemos temporária ou definitivamente".

O trecho acima é de uma nota publicada no último número da excelente revista literária SUL, de Florianópolis, que temos em mão.

A revista SUL surgiu mais ou menos à mesma época em que surgiram CLÁ e JOSE', aqui em Fortaleza; A FRONTEIRA, em Porto Alegre; JOAQUIM, em Curitiba, além de outras nas diversas Capitais brasileiras. Agora, ao desaparecer, SUL já contava dez anos de vida.

Muitas publicações surgidas à mesma época logo desapareceram. Entre elas citamos JOSE'. Não conseguimos transpor os inúmeros obstáculos que se antepõem a publicações assim. Desapareceram ainda muitas outras.

Aliás, o desaparecimento, temporário ou definitivo, de publicações literárias, no Brasil, é fato comum. É coisa que sempre está a se repetir, mas, nem por isso podemos deixar de deplorar. Quem se acostumará com a morte?

O desaparecimento de uma publicação literária sempre é lamentável. Mesmo daquelas que não conseguem transpor os primeiros obstáculos e apenas dão o sinal do seu surgimento.

No caso de SUL o fato se apresenta de outra maneira. Essa excelente publicação dos intelectuais catarinenses conseguiu se afirmar. Durante dez anos ela conseguiu vencer os maiores obstáculos, superar todos aqueles problemas que tanto conhecemos e, aparecer, nesse período, por trinta vezes.

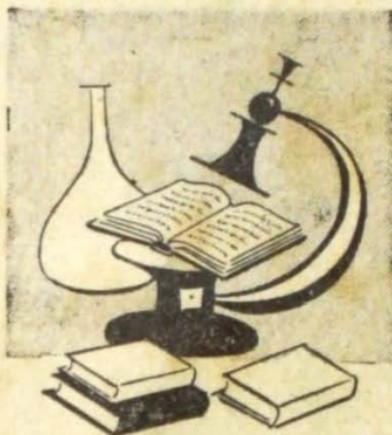
Durante dez anos a revista SUL prestou uma boa parcela de serviços à intelectualidade e às letras brasileiras. Era através de suas páginas que tomávamos contacto com os que lá naquelas plagas sulinas teimam e conseguem fazer literatura. Era ainda SUL que fazia aparecer, lá, nomes de intelectuais daqui do Norte, levando para os seus leitores alguma coisa do que aqui se faz.

Por todas essas razões que aqui enumeramos, SUL conseguiu impor-se e conquistar um lugar de destaque entre as publicações do gênero. O seu desaparecimento, temporário ou definitivo, é por todos nós sentido, e deixa um claro difícil de ser preenchido por outra publicação nova que por ventura venha a surgir.

O ideal, portanto, é fazer ressurgir SUL. E para isso confiamos nos esforços dos que estavam à sua frente. Sabemos quão complexos são os problemas que têm de enfrentar, sobretudo de ordem material. Mas eles podem e devem insistir junto àqueles que têm nas mãos os meios de amparo à cultura para conseguir a ajuda necessária a que SUL continue a ser editada. É uma sugestão que fazemos daqui, desejosos do reaparecimento de SUL.

Escritores e Livros

José Condé



"SUL" DEIXA DE CIRCULAR

"SUL com este número, o trigésimo, suspende suas atividades. Não sabemos se temporária ou definitivamente" — assim principia o editorial do último número de "Sul" — a excelente revista dos novos de Florianópolis, dirigida por Annibal Nunes Pires e Salim Miguel. Os motivos da crise são os de sempre: de ordem vária, mas sobretudo de ordem econômica. "Bem sabemos que com base econômica sólida, alguns dos problemas poderiam ser resolvidos, contornados outros, até que a revista voltasse a ter maior significado". "Sul" deixa de circular após dez anos de vida, de uma vida traduzida em um sem número de campanhas em prol da cultura de Santa Catarina. Sob o signo de revistas e ações vieram a lume, conferências e exposições se desvaneceram. Infelizmente, dez anos após a fundação, seus responsáveis sentem-se obrigados a suspender-lhe a publicação.

Mas, perguntamos nós: terão acaso agido apressadamente, sem ter tentado sequer esgotado todos os recursos que se lhes apresentavam à mão? Pois quer-nos parecer que o governador do Estado de Santa Catarina, Jorge Lacerda — escritor êle próprio, e fundador do já atualmente célebre Suplemento Literário "Letras e Artes", de A Manhã, de memória pranteada — haveria de arranjar um modo qualquer de auxiliar a publicação, caso lhe tivesse sido a tempo solicitado apoio. E tal auxílio foi requisitado?

Seja como fôr, devem os dirigentes e colaboradores de "Sul", cujos esforços de dez anos já lhes devem ter dado suficiente experiência e arrôjo para enfrentar e vencer qualquer espécie de combate, recorrer o quanto antes a Jorge Lacerda, apelando para a sua condição de homem do mesmo ofício — o que é mais: de alguém que, tal como êles, anela por contribuir para o maior desenvolvimento cultural de Santa Catarina. Talvez ainda haja tempo. Talvez "Sul" não tenha de suspender sua publicação. Nem temporária, nem definitivamente.

copieio de Wanda
Pires, 11/4/58

A HORA - 26.3.58

REGISTRO LITERÁRIO

GEVALDINO FERREIRA



MUSICO de vários instrumentos, sem desafinar em nenhum, Millôr Fernandes vem-se destacando cada vez mais no nosso cenário, como desenhista, como escritor satírico, como homem de teatro. A Editora Civilização Brasileira escolheu quatro de suas peças — "Uma mulher em três atos", "Do tamanho de um defunto", "Bonito como um Deus" e "A Gai-vota" — e enfeixou-as num volume — "Teatro de Millôr Fernandes" — que integra a sua vitoriosa coleção "Vera Cruz", tão bem iniciada com "O encontro marcado", de Fernando Sabino, prosseguindo, depois, com "Xântias", de Guilherme de Figueiredo, "As mãos de Euridice", de Pedro Bloch, "A Vida de Esopo e Guerra do Atecrim e da Manjerona", de Antônio José, o Judeu.

O "Teatro de Millôr Fernandes" é das coisas mais gostosas do seu gênero, pelo que tem de humano, espírituoso e espontâneo, na pintura da nossa realidade social.

NOTAS LIGEIRAS — Vão aqui, em rápidas pinceladas, algumas notas sobre vários livros que em breve serão comentados com mais vagar:

O Romance de Teresa Bernard, da Sra. Leandro Dupré — Edição Saraiva — É um livro em oitava edição, com 60.000 exemplares vendidos. Foi com ele que a vitoriosa ficcionista iniciou a sua carreira. Vê-se, pois, que ela começou por onde poucos terminam: pelo sucesso.

Balões Pastoris — Livraria Progresso Editora — Excelente antologia organizada e prefaciada pelo Prof. Pinto de Aguiar, constituída de quatro ensaios dos seguintes autores: Manoel Querino, Mello Moraes Filho, Almeida Prado e Carlos Ott. Ilustres estudos do passado e da geração contemporânea.

O Professor Jeremias, de Léo Vaz — Coleção Jabuti, Edição Saraiva — É uma obra que se põe, sem nenhum favor, entre as coisas melhores da literatura brasileira. Livro bem concebido e realizado com admirável segurança. Nele o seu autor se parece muito com Machado de Assis.

A Paz no Chaco, do general Estevão Leitaño de Carvalho — Biblioteca do Exército Editora — Tendo representado o Brasil na Comissão Militar Neutra, encarregado de examinar, no cam-

po de batalha, as cláusulas de segurança do Protocolo de Paz que pôs fim, em 1935, ao conflito entre o Paraguai e a Bolívia — o general Leitaño de Carvalho se muniu de um tão rico cabedal de observações, que seria pena não distribuir com todos quantos por elas se interessarem. Foi pensando assim que o ilustre militar converteu num ótimo livro tudo o que registrou nessa importante tarefa. Em "A Paz no Chaco", tem-se, além da história do litígio, "os fatos e comentários ligados à execução das cláusulas de segurança do Protocolo de 12 de junho".

Itamonte — Almeida Coutinho, poeta como aqueles que mais o sejam, culto, sensibilíssimo, de verbo cantante, rico de inspiração e de força no dá em "Itamonte" — epopeia brasileira — um livro quente e corajoso, visão de pensador que a arte marcou irremediavelmente e em que o amor à terra-mãe atingiu todas as fibras. (Pongetti, 2.ª edição).

Antologia da Poesia Uruguaiense — Humberto Feliciano de Carvalho, poeta, livreiro, jornalista e editor, num dinamismo de quem tem bicho caribenha, "res-dobra-se" em atividade e ainda arranja tempo para pesquisar literários. Tomando Wamosy como sinéu, reuniu numa pequena antologia os diversos poetas

de sua terra: Edmundo Nunes Doria, Gabriel Peixoto, João Gonçalves Viana Filho, Hermelindo Cavalheiro, Hugo Ramirez e Victor de Abreu. Quanta coisa boa se perderia, em literatura, por toda parte, se os Humberto Feliciano de Carvalho não existissem!

Carlota Angela — De Camilo Castelo Branco, o mais fecundo e apaixonante escritor português (260 volumes, entre obras originais e traduções), temos agora "Carlota Angela", integrando a Coleção Saraiva.

UMA REVISTA QUE MORRE — Eu e Antonio Carlos Machado fundamos, em Porto Alegre, há poucos anos, a revista "Querência". Não obstante o muito que ela agradou, considerada que foi "a mais rápida das revistas de todos os tempos" não conseguimos fazê-la passar de cinco números. Não poderia ter sido diferente, pois se cada um de nós era capaz de fazer sozinho a revista, nenhum tinha feito para buscar anúncios. E tudo saindo do bolso, não era possível ir muito longe. "Querência" viveu menos de um ano, e vive ainda conosco a noção que ficou pelo seu desaparecimento.

Quem passou por tal experiência pode bem avaliar o que vai pelo coração desses moços da revista "Sul", de Florianópolis, simpático instrumento de cultura que enrola a sua bandeira depois de dez anos de vida dinâmica e eficiente. Que lhes sirva de consolo a certeza de muito que fizeram pela sua terra, nessa duríssima luta de idealistas, fato que só não reconhecerem os negadores de sempre, que existem por toda parte.

NOTA: Remessa de livros para Gevaldino Ferreira — Rua Dona Leopoldina, 17 — Apart 5 — Porto Alegre.

«Sul» - Morte Aos Dez Anos

De Florianópolis nos chega a desagradável notícia: «Sul» morreu. Seguiu o destino de todas as boas publicações literárias do país, impossibilitadas de ter vida longa, condenadas à morte prematura da planta tenra que nasce no aridez de um deserto de areia.

Como suas irmãs, «Sul» morreu resistindo, lutando desesperadamente para sobreviver. Cada vez que vinha a lume, parecia ser a última. Mas não era. Seus diretores e redatores arranjavam o dinheiro, iam à imprensa Oficial de Santa Catarina e, meses depois, outro número chegava-nos às fontes secaram de uma mãos. Assim, até o trigésimo tanto, quanto as vezes. Então, nada mais restava senão fazer o enterro...

Entretanto, nem só jeremiada cabe neste registro tão funebre. «Sul» morre cedo, mas nos seus dez anos de existência deixou um grande lastro de realizações. Deu-nos a conhecer pelo menos uma meia dúzia de bons escritores da nova geração ca-

tarinense. Não fosse ela, e hoje talvez não soubessemos de Eglê Malheiros, cujos poemas apareceram assiduamente em suas páginas, durante um decênio. Não fosse «Sul», e hoje talvez não tivesse chegado até nós a arte de narrar de Salim Miguel, que, com «Velhice e Outros Contos» ocupou um lugar de destaque entre os mais jovens representantes da

(Continuação)
Sul.
ficção nacional. E outros, cujos nomes não nos vem assim de pronto à memória. Não fosse «Sul» também teríamos ouvido falar de numerosos jovens de Portugal, dos Açores, da Angola, de Moçambique, do Uruguai e da Argentina, que foram chamados a colaborar em suas páginas, estabelecendo conosco um contato que até então não se realizara.

«Sul» ficará presente na história do movimento literário brasileiro atual, como um símbolo da tenacidade das novas gerações.

M. P.

© Estado - Letras e Artes - Fortaleza Ceará - 16-3-58

PROVINCIA DO BRASIL - *Jornal de Letras - outubro*

O QUE VAI PELA LITERATURA EM SANTA CATARINA

Ouvindo o Escritor Salim Miguel — Está Para Fechar a Revista "Sul" — A Organização de um Clube do Livro do Sul

Santa Catarina é um dos Estados, onde se tem verificado ultimamente certo movimento literário. E esse movimento se vem fazendo em torno da revista "Sul", que agrupa as figuras mais representativas da nova geração. No entanto, agora vem-nos a notícia de que "Sul" deixará de circular por falta de recursos financeiros. A propósito procuramos ouvir o escritor Salim Miguel, um dos líderes da jovem literatura catarinense.

— "Realmente, a revista "Sul" está para acabar" — declarou-nos Salim Miguel. E explicou os motivos:

Há tempo e tempo para uma publicação literária de jovens. O que fazia de "Sul" um órgão de relativo interesse e tão simpática acolhida e aceitação, era aquele jeito de coisa nova, experimental, em que se vilumbravam valores ou possibilidades de valores. Ora, isto tem seu tempo, não pode se eternizar. Assim, no começo, as imperfeições, inúmeras, eram levadas à conta de um grupo inexperiente que estava "experimentando" nas letras. E que "prometia", divulgava coisas novas, tornava conhecido um meio ignorado. Mas isto é bom durante um certo tempo. Depois também passa a ser vício, cacoete. E como todo vício, como todo cacoete, não presta. Estaríamos fazendo o que condenávamos tão violentamente nos acadêmicos.

Ora, em tal impasse, a revista só com uma base financeira sólida poderia sair deste estágio e procurar evoluir até se tornar uma publicação literária com valores específicos próprios, não valorizada apenas porque era uma "publicação experimental de novos", mas sim porque era uma revista literária. Uma revista literária que não seja uma contribuição à literatura brasileira.

Infelizmente (aduz) não contamos com essa base financeira. "Sul", ainda hoje, depois de uma dé-

cada, continua lutando com as mesmas dificuldades de antes, de quando surgiu. Não consegue nem o que se nos afigura essencial, circular com regularidade. Daí o seu fim inevitável".

Mas a par dessa notícia pouco animadora. Salim Miguel nos dá outra promissora:

— "Paralelamente à revista existem — ou existiam as edições "Cadernos do Sul" onde saíram alguns livros divulgando novos nomes de Santa Catarina. Também as edições, feitas sem caráter semi-amadorístico, não têm possibilidades de sobreviver. Contudo, neste caso, mais uma tentativa vai ser feita. Existe, em organização, de uma idéia do escritor Esdras do Nascimento o plano para o Clube do Livro do Sul. Serão volumes uniformes, em três séries (ficção, poesia e ensaio), com seis lançamentos anuais e um livro brinde, ao preço único de Cr\$ 40,00, onde surgirão de preferência trabalhos de escritores novos dos Estados, selecionados por uma comissão. Caso se consiga assinantes em número suficiente, para o ano o clube começará a funcionar. Há ainda mais um volume para ser lançado.

Trata-se do "Panorama do Novo Conto Brasileiro". Neste volume, que está sendo organizado pelo Esdras do Nascimento e por mim, procuraremos apresentar um panorama do conto brasileiro a partir do ponto em que o abandonou Graciliano Ramos na sua antologia. Incluiremos no volume contistas que Graciliano Ramos não quis ou não pôde colocar. Procuraremos fazer um levantamento o mais completo possível".

"TUDO NOS CHEGA COM ATRASO..."

Quanto ao movimento literário de Santa Catarina, Salim Miguel lamenta que continue ele a ser fraco:

— "Tudo nos chega com atraso, custando a ser assimilado e aceito. Como aliás deve acontecer

com a maior parte da província, onde as idéias se estatificam mais facilmente e o novo é olhado com suspeita".

— E não ha uma Academia Catarinense de Letras?

— Ha e não ha. Ou antes: havia. Como quase todas as academias, em quase todas as partes, nada fazia. Vivia de uma gloriola passada. Agora parece que os acadêmicos estão querendo ressurgir. Falam de uma revista "viva", que aceitará colaboração de todos; falam em reuniões e cursos; falam em se renovar; falam em três prêmios, para ensaio, novela e poesia; falam. Que assim seja" — conclui Salim Miguel.

Noticiário

A MORTE DA "SUL"

A direção da revista "Sul", vem preparando e selecionando os trabalhos para a próxima revista. Dias atrás deparamos com um artigo publicado no jornal literário, do Rio de Janeiro "Para Todos" de Salim Miguel, antecipando o que será o próximo e último número da revista lançada por este grupo de moços, que tão brilhantemente vem colaborando para a maior divulgação do modernismo em Santa Catarina. Sul mostrou ao Brasil, que a nossa província cultiva com grande abnegação as letras pátrias.

Este grupo, como Salim Miguel, Elglê Malheiros, Silveira de Sousa, Anibal Nunes Pires, Hélio Alves de Araújo, A. Boos Jr., Francisco José Pereira e tantos outros, serão sempre lembrados como os introdutores do modernismo em Santa Catarina.

"Sul nos dez anos de eintensa atividade, firmou-se no âmbito nacional. Se pouco realizaram, não lhes cabe a culpa, grande foi a vontade de projetar-se nas letras; lamentamos, entretanto, não tenham recebido o apóio necessário.

Sul morrerá!

Para alguns será uma grande satisfação. Mas para outros, será um grande golpe.

Quem sabe, se algum dia "SUL" não volte, novamente, a brilhar nas letras catarinenses!

Des anos de existência.

Dez longos anos de trabalho.

O espírito jovial do SUL projetou as letras catarinenses, com as demais do Brasil, já é mais uma estrêla, que brilha no firmamento das letras.

SUL cumpriu a sua missão e graças a êle, foram realizadas; conferências, exposições, livros e c-ternos culturais, clube do cinema, teatro experimental e finalmente cinema.

SUL será sempre lembrado, pois já começamos a sentir saudades.

FOLHETIM

ASTROJILDO PEREIRA

A NUNCIASE para breve a realização de um curso, a ser dado por diversos conferencistas, que estudarão os muitos aspectos do seguinte tema central — MACHADO DE ASSIS E A CIDADE. Creio que o plano do curso — iniciativa do Sr. Thiago de Mello, diretor do Departamento de História e Documentação da Prefeitura — ainda está em fase de elaboração; mas não é difícil atinar com o que se pretende fazer.

A obra de Machado de Assis apresenta riquíssimo filão, pouco explorado ainda, no concernente ao que existe nela da história, da vida, dos costumes, dos modos e das modas, das alegrias e das tristezas da cidade em que nasceu, viveu e morreu o escritor.

O Rio de Janeiro está presente, sob múltiplas formas e feições e vivo, palpitante, crescendo, em cada um dos seus livros — no romance, no conto, na crônica, no teatro na crítica, na poesia, etc. Em suas páginas predominam, como é natural, os depoimentos, as reminiscências e as observações pessoais; mas não são raras, também aí, as evocações de épocas não vividas pelo autor, e neste caso tudo com indicações históricas rigorosamente verificadas. Talvez o caso mais típico, neste sentido, seja o do poema herói-cômico O ALMADA, cuja ação se passa em meados do século XVII, com a circunstância de que o prefácio e as notas que acompanham o poema constituem trabalho de cunho estritamente histórico.

Sobre este poema, aliás, quase nada se tem escrito, quer sob o ponto de vista do poema como tal, um dos poucos poemas herói-cômicos existentes em nossa literatura, quer sob o ponto de vista da história da cidade e seus costumes em certo período dos tempos coloniais. Que me lembre, apenas Mário Casassanta e R. Magalhães Junior lhe deram alguma atenção, assim mesmo de passagem, em meio de outras considerações. Casassanta cita a propósito a opinião de Mário de Alencar, que via em O ALMADA um documento de «singular importância» para o estudo da obra machadiana.

Ou muito me engano, ou uma análise pormenorizada do poema há de revelar muita coisa, e isto não só em suas conexões com o conjunto da obra machadiana, mas também por seus próprios méritos de poema herói-cômico. Parece que o autor não lhe dedicava grande atenção, deixando-o inacabado e dele só publicando, em vida, alguns fragmentos. Teria as suas razões para isso, mas a crítica pode invocar

outras razões — seja para revatorizá-lo, quem sabe, ou seja, principalmente, para buscar no seu esauo novos elementos de análise e avaliação de uma produção literária que pertence, como um todo indivisível, à história da nossa literatura e portanto ao patrimônio da cultura nacional.

O que a leitura de O ALMADA revela, à primeira vista, é a informação minuciosa dos fatos históricos que lhe servem de tema. O prefácio e as notas são um atestado de como o poeta cuidou da documentação necessária ao seu trabalho, e com isso nos mostram igualmente que Machado de Assis estudava a história da cidade com olhos constantes de anfitrião filial.

Voltaremos ao assunto na próxima semana.

NA primeira linha dos livros brasileiros, publicados o ano passado, figura o de Sérgio Buarque de Holanda, intitulado CAMINHOS E FRONTEIRAS. Não é desses livros — às vezes até bons livros — que a gente lê uma vez e guarda para sempre na estante. Pertence a outra categoria — a dos livros de leitura lenta, de anotações à margem, de releituras e consultas permanentes. Numa palavra — livro de estudo. Aqui o saber é sólido e o leitor, sem sempre o que aprender. E é ainda daqueles livros sobre os quais não há meio termo: ou se escreve muito ou não se escreve nada. Os críticos que sejam estudos a altura da obra ou nenhuma pena e simples.

Limite-me à notícia, mas notícia calorosa, de quem deseja ver CAMINHOS E FRONTEIRAS nas mãos de todos os estudiosos do nosso passado. Para atizar a curiosidade dos interessados, dou a seguir os títulos de alguns capítulos do livro:

Veredas de Pé Pôsto — Samaritanas do Sertão — A Cêra e o Mel — Iguarias de Bugre — Caça e Pesca — Botica

na Natureza — Frechas, Feras, Febres — Frotas de Comércio — Os Trilgais de São Paulo — Uma Civilização do Milho — Moajolo — Do Chaco no Arado — O Declínio da Indústria Caseira — Rêdes e Redeiras.

Por essa nomenclatura logo se vê que a obra do Prof. Sérgio Buarque de Holanda resulta do estudo aprofundado de uma série de técnicas de trabalho, meios de produção e meios de vida durante o período colonial, sobretudo na região de Pernambuco. Trata-se, por consequência, de precioso e seguro repatório de dados e informações cujo conhecimento vem a ser indispensável a quem pretenda estudar a história do trabalho no Brasil.

E não é menor mérito deste grande livro o ter sido escrito por um prosador de primeira água.

RIO 10 graus está funcionando a pleno rendimento. Não me refiro ao nome de Nelson Pereira dos Santos, mas ao Sol, que, como provavelmente dirão. Está verdadeiramente de rachar, de matar, passarinho, como se diz, ou de fritar ovo no asfalto, como na velha planície.

Os prognósticos do Serviço Meteorológico estão desmoronando, e cada um de nós não veio nem vem. Em vez de primavera e boas colheitas ainda, e que nos veio de lá fora, o número de dias chuvosos — e com a revista, dentro da próxima revista, a fração de: último número, a revista não sai mais, morreu com dez anos de idade, o que aliás já é idade avançada para uma revista.

Notícia fria e triste. Mas é um fato que a equipe de «Sul» realizou, em dez anos, uma obra séria, um esforço cultural que merece toda

a nossa admiração e todo o nosso respeito. E gente modesta, mas de bom apetite, com quem se pode contar. O que a revista fez em dez anos ninguém lhes tira. E seu mérito, e podemos acrescentar — é sua glória.

De resto, as edições Sul, livros e cadernos, continuarão. Creio que, continuarão também as atividades do Círculo de Arte Moderna. Quer dizer: a equipe de «Sul» permanece de pé, viva e ativa. Ainda bem.

MUITAS notícias tristes nos assaltaram, às vésperas do carnaval: Pancetti, Cornelio Pena, Benedito Lacerda morreram.

Pancetti, homem do povo, marinheiro, que da sua paixão pelo mar fez o motivo permanente de uma grande pintura.

Cornelio Pena, homem sisudo, esquivo, arredo. Mas que poderoso escritor! Seu último romance publicado, A MENINA MORTA, é de longe o melhor, o mais vigoroso romance de uma fazenda fluminense no tempo da escravidão.

Benedito Lacerda, o mais popular dos três — compositor de sambas, cancionista fecundo, tocador de flauta, um dos melhores intérpretes do carnaval carioca.

Pancetti, C. Pena, B. Lacerda, cada qual no seu setor e segundo a sua própria vocação, foram três admiráveis trabalhadores da nossa cultura, e seus nomes não serão jamais esquecidos.

Livros recebidos:

Ludolfo Cartusiano — O LIVRO DE VITA CHRISTI EM LINGUAGEM PORTUGUESA. Edição facsímilar e crítica do insunabulo de 1945 cotejado com os apógrafos por Augusto Magne S. J. Volume I. Coleção de Textos da Língua Portuguesa Arcaica. Casa de Rui Barbosa.

Elias Lafertt — VIDA DE UM COMUNISTA. Páginas Autobiográficas. Santiago de Chile, 1957.

Melo Moraes Filho, Manuel Querino, Almeida Prado, Carlos Ott — BAILES PASTORIS NA BAHIA. Seleção e Prefácio de Pinto de Aguiar. Ilustrações de Carybé. Publicações da Câmara de Vereadores da Cidade de Salvador.

CONTOS REGIONAIS BRASILEIROS — Prefácio e seleção de Pinto de Aguiar. 2a. Edição. Aguiar e Souza Ltda. Livraria Progersso Editora.

*Imprensa Popular
Rio de Janeiro
23/4/58*

aflicados pelo fogo anti-râm 216 caixas na batalha. | a inspeção polar.

dens para qualquer novo es- | polizar essa data como sua.

“COINCIDENCIA INFELIZ”

Ao nosso Diretor foi enviada a seguinte carta:
Florianópolis, 2 de maio de 1958

Senhor Diretor:
Tenho a honra de solicitar de V. Sa., embora continue lamentando ter de ocupar espaço no seu Jornal, a publicação dos esclarecimentos seguintes:

1. Conclui-se de “Uma Carta”, publicada no “O Estado”, de 30 de abril, que os seus signatários tomaram o compromisso de apresentar o resultado de seus estudos; conclui-se que o não fizeram até hoje; e conclui-se ainda, segundo parece, que só os compromissos oficiais são possíveis de cumprimento.

2. Por declaração expressa de um dos membros do grupo, soubemos que praticamente só êle se encarregava de todo o trabalho de organização dos números da

revista e das edições avulso, o que fazia com uma dedicação, o zelo e um desinteresse que nunca serão demais louvar; suponho que aquilo que se apresenta como grupo e acaba resumindo-se numa pessoa é uma aparência e não uma realidade.

3. Se não fôsse uma compreensível precipitação no afã de esclarecer a verdade, certamente não poderia nunca o primeiro signatário da referida carta tomar em outro sentido as minhas palavras: poderia efetivamente lembrar-se de que, de bem longe, lhe escrevi aplaudindo a ação da revista; que exprimi o meu agradecimento por me terem publicado colaboração: foi para mim uma honra e da parte da revista uma grande generosidade, porque a referida colaboração era, na realidade, bastante fraca;

poderia ainda ter-se lembrado das minhas ofertas de ligar solidamente a revista a meios portugueses, o que nunca foi possível devido à desorganização interna do grupo; das minhas diligências para que a revista obtivesse registro jurídico, o que também não foi possível pelas mesmas razões; e, finalmente, de, apesar da revista ser impressa à custa do Estado, ter eu pago do meu bolso a tiragem de um caderno, para de algum modo, embora muito modestamente, ajudar a revista.

4. Se não fôsse idêntica precipitação no esclarecimento da verdade, poderia o segundo signatário não ter igualmente tomado as minhas palavras noutro sentido e ter-se lembrado do seguinte: de que tanto reconheço o seu valor que fui uma das primeiras pessoas a incitá-lo a continuar escrevendo o seu estudo sobre literatura catarinense; que em seguida promovi uma mesa redonda na Faculdade de Filosofia para que o trabalho fôsse discutido e se tornasse mais conhecido; que fiz diligência no Rio de Janeiro para tratar da si-

tuação do original no Instituto Nacional do Livro, para onde seus companheiros o tinham enviado mas onde não seria publicado; que lhe sugeri a publicação do referido trabalho com subsídio integral da Secretaria da Educação e Cultura; que lhe consegui o patrocínio do Centro de Estudos Filológicos; e que finalmente tive a felicidade de, em poucos dias, reparar um erro técnico que o referido senhor cometera por inexperiência e que poderia ter impedido a publicação de tão valiosa obra.

5. Quanto ao rodapé intitulado “Isto é fato” — do qual muito gentilmente, por imediato telefonema, se desolidarizou o segundo signatário, declarando que a publicação no mesmo número fôra uma “coincidência infeliz” — não me cabe evidentemente responder por serviços que se não encontram a meu cargo; cabe naturalmente a palavra ao senhor encarregado dos estudos para organização da Universidade e aos senhores diretores das Faculdades apontadas; por mim, tenho apenas a agradecer as imerecidas referências feitas

no artigo e esclarecer que, quanto a Universidade, registei alguns dias e logo que de tal fui encarregado o projeto dos estatutos do Conselho, ante-projeto êste que passou depois, para ser revisto, às mãos do senhor encarregado da organização da Universidade; e que, quanto à Faculdade de Filosofia, pelo menos no ano de 1956, em que tive a honra de ser encarregado da administração da Casa, cumpriu o governo plenamente todos os compromissos assumidos, indo mesmo, no interesse que sempre lhe mereceram as atividades da Escola, muito além daquilo a que era estritamente obrigado. E, pelo que respeita a outras escolas, posso apenas assegurar a V. Sa. que jamais deixei a Diretoria de Cultura de satisfazer qualquer pedido que lhe tivesse sido apresentado ou de gostosamente colaborar, no pouco que lhe é possível, para maior brilho de seu funcionamento.

Reitero, no ensejo, a V. Sa. os protestos de elevada consideração e apreço.
George Agostinho da Silva,
Diretor

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO

Em sessão especial de eleição, realizada a 29 de abril último, foram eleitos, respectivamente, para os cargos de Presidente e Vice-Presidente daquela Alta Corte de Contas, para o biênio 1958-59, os Excelentíssimos Senhores Juizes Nelson Heitor Stoeterau e Monsenhor Pascoal Gomes Librelotto.

O. Estado - Flóris, 4/5/58

CRÔNICA LITERÁRIA

Réplica de "Litoral"

SALDANHA COELHO

NOSSO artigo de apêlo ao Governador de Santa Catarina, sr. Jorge Lacerda, para que ajude as revistas literárias e entidades culturais daquele Estado, provocou uma polémica entre as partes interessadas.

Do sr. George Agostinho da Silva, da Secretaria de Educação e Cultura de Santa Catarina, recebemos uma carta de esclarecimentos aqui divulgada. Replicando-a, escreveu-nos o contista Saldanha Miguel, um dos diretores da revista "Sul", cujas palavras foram por nós também publicadas. Agora, uma nova carta nos chega sobre o mesmo assunto. Esta do escritor Pascoal Apóstolo, diretor da revista "Litoral" e motivo do apêlo que endereçamos ao nosso amigo Jorge Lacerda:

"Tenho acompanhado com grande atenção todos os movimentos que se armam em torno da crônica literária que você escreveu, durante a minha estada aqui no Rio de Janeiro.

Primeiramente quero felicitá-lo pela maneira brilhante com que você descreveu o panorama literário catarinense, segundo informações dadas por mim. Logo depois, para surpresa geral, o sr. George Agostinho da Silva, Diretor do Departamento Cultural do Estado, mui oportunamente, aproveitou-se para responder a crônica. Quero lamentar a deficiência das informações "oficiais" que lhe foram escritas e depois publicadas na sua seção. A parte que tocava na "Sul" o escritor Saldanha Miguel, dias atrás, com muita justiça, soube revelar os principais motivos. Mas ao resto o escritor silenciou. Cumpri-me portanto fazer os esclarecimentos devidos.

LITORAL grupo de jovens catarinenses, ao qual pertencço, absolutamente nada representava aos poderes públicos, a ponto mesmo de iniciarmos a revista particularmente, sobrando as despesas mediante publicidade, na revista. Numa tipografia catarinense, já tínhamos entrado em contato para a impressão do "Litoral". O orçamento ainda estava em estudo quando, por motivos diversos, fui obrigado a ausentarme da Capital Catarinense indo ao Rio de Janeiro. Depois que você escreveu a crônica "O Governador e os Literatos", quero com justiça afirmar que tudo para "Litoral" mudou. O governador está, agora interessado na nossa revista (principalmente agora com a morte da "Sul"). Dias atrás, selecionamos o material para o nosso primeiro número. Estamos quase feitos, porque, enfim, o grupo de jovens catarinenses conseguiu brilhar. O amparo governamental foi dado mas com certas restrições. Será uma revista de cultura para brilhar Santa Catarina, figurando altos expoentes das nossas letras.

O Museu de Arte Moderna, a que se refere o professor Agostinho, é o mesmo que meses atrás tive oportunidade de fazer uma reportagem; eis o tópico:

Acabo de constatar um crime, em plena Florianópolis, esse Museu!

Entramos pela janela!

Encontramos os quadros jogados pelo chão — entre garrafas de champanha. Incrível. Não sei se ficamos com raiva ou com pena.

Dymas Josepli — Ester Josepli,
Rua: Canavieiras, 498 — apto. 302 — Rio.

A carta acima foi publicada no meu Suplemento Literário, no dia 16 de junho de 1957, com o título de "Com Vistas ao Museu de Arte Moderna".

APROVEITANDO, ainda a oportunidade, quero esclarecer que o Teatro Experimental de Santa Catarina, o qual referiu-se o professor George Agostinho da Silva nunca teve peças apresentadas nos teatros catarinenses. Portanto o público ignora a sua existência. O mesmo deuse com o Clube da Música, que lamentavelmente ainda não foi fundado.

A Casa Santa Catarina continua sendo a mesma casa esquecida de sempre. O Instituto Histórico, cada vez mais morto. O Centro de Estudos Filológicos de Física, de Química e de Matemática, não pode ser considerado motivo de tanta propaganda pois é como os centros de Oceanografia e Estudos Filológicos, que nem existem, e nem se fala em sua fundação, aqui em Florianópolis.

É lamentável que venhamos expor para todo o Brasil tais ocorrências, mas vimos-nos na contingência, para o bem da verdade, esclarecer os fatos que o professor George Agostinho da Silva deixou de assinalar comprometendo-me perante a opinião geral".

APÓS DEZ ANOS DE INESTIMÁVEIS SERVIÇOS À CULTURA CATARINENSE:

Morreu, por falta de recursos, a Revista "SUL"

Com o seu trigésimo número, depois de muitas lutas e sacrifícios, a conceituada revista do Movimento Sul encerrou suas atividades — Escritores de Buenos Aires, Bombaim, Coimbra e de todo o país choram a morte da inquieta mensageira cultural — Como nasceu a revista que evoluiu os meios literários do Estado — Sul foi uma ponte que ligou Santa Catarina literária a outras nações — Escreveu o governador Jorge Lacerda que raramente assistiu o Brasil a um movimento tão intenso entre as suas gerações — Mas, hoje, SUL morre por falta de recursos financeiros — O que se pode esperar, no setor cultural, de um Governo Estadual como o de Santa Catarina, eis a pergunta que faz um dos integrantes do Movimento — Chegaram as derradeiras corôas de flores para o entêrro da SUL.

"Com este número, o trigésimo, SUL suspende suas atividades. Não sabemos se temporária ou definitivamente. Os motivos são múltiplos. Problemas internos e externos. Em nosso número anterior Eglê Malheiros levantou alguns deles. Que não são os únicos. Outros existem, de igual importância. Tudo isto junto contribuiu para que chegássemos a este ponto em que nos encontramos agora. Embora com dez anos de vida, a revista luta hoje com as mesmas ou maiores dificuldades e incompreensões do que antes. Pretendíamos dar um número de despedida melhorado, com um levantamento completo das atividades da revista até a presente data, abarcando tudo o que ela fez ou possibilitou fazer nestes dez anos. Infelizmente nem isto foi possível".

Com estas palavras amarguradas, SUL apresenta as suas despedidas. Morreu balbuciando "um muito obrigado a todos os que, de qualquer forma, nos auxiliaram e estimularam, permitindo que a revista vivesse até agora. E vivendo movimentasse e modificasse um pouco o modorrento ambiente literário da ilha. Nosso adeus não é melancólico porque temos certeza de haver contribuído, embora não o quanto teríamos desejado, para que o movimento cultural e artístico entre nós fôsse incentivado e se tornasse conhecido em tre outros recantos do país. E mesmo suspendendo suas atividades, o espírito que a animou continuará. Termina a revista, mas não terminará o movimento "SUL", nem a influência que ele exerceu e exercerá nas letras catarinenses." Dito isto,

to, morreu.
A ILHA E A PONTE
O romancista Esdras do Nascimento mandou a sua "corôa de flores para o entêrro de SUL. Na sua derradeira mensagem através da inesquecível revista, o romancista diz que "era uma vez uma ilha. Uma ilha e um grupo de rapazes. A ilha vivia isolada. Afastada de tudo e de todos. Vêz por outra chegava um navio. 'As vêzes, um avião. Era só. E a ilha se deixava ficar, quieta e calada, perdida no oceano". A essa altura, diz o romancista, foi que nasceu a SUL, uma ponte que transportou para o Brasil uma série de nomes, uma série de feitos, uma série de aventuras que, sem ela, permaneceriam incógnitas. SUL foi uma revista que viveu sem amarras, sem "igrejinhas" literárias, sem preconceitos. oConsolidou-se logo no meio cultural do país e de outros países. Inúmeros depoimentos aqui chegaram sôbre a revista que acaba de morrer, por falta de dinheiro. "Estúdios", n. 479, de Buenos Aires, disse: "Veintisiete números lleva publicados esta prestigiosa e importante revista brasileira. La edita el Círculo de Arte Moderno de Florianópolis y son sus directores Anibal Nunes Pires y Salim Miguel... Llama la atención que en una ciudad como Florianópolis, casi desconocida en

el mapa cultural, florescan revistas de la jerarquía de Sul, lo qual habla muy alto de la dinámica nacional en cuanto a cultura, de nuestra vecina de lengua portuguesa".
OUTROS DEPOIMENTOS
O jornalista Clovis Melo, da Folha da Manhã, de Recife, disse: Quem quer que amanhã deseje escrever a história do período literário brasileiro contemporâneo, não pode esquecer o magnífico grupo da revista SUL". Em Salto, Uruguai, "Papel de Poesia" afirmou: "Esta publicación que dirigen Anbal Nunes Pires e Salim Miguel, nos trae renovado mensaje que con tanto fervor nos habla de las inquietudes multiplos que alli engrandecen la patria en la llama del pensamiento y el arte".
"VÉRTICE", revista de cultura e arte, de Coimbra, Portugal, escreveu: "Dentre as revistas brasileiras que habitualmente recebemos destaca-se Sul, que se edita no Estado de Santa Catarina". O Correio da Manhã, do Rio, deu o seu depoimento: Merece louvor o esforço de um grupo de jovens intelectuais que, em Fpolis, vem mantendo a revista Sul, como órgão do Círculo de Arte Moderna, acentuando que a luta pela sua manutenção, numa provincia constitui sem dúvida uma grande vitória.

dor, quando responsável pelo Suplemento Literário "Letras e Artes", do jornal "A Manhã", escreveu entusiasticamente a respeito de SUL: "Registramos, mais uma vez, com a simpatia que nos merece, a visita de SUL, a magnífica revista do Círculo de Arte Moderna de Florianópolis, dirigida por Anibal N. Pires. Trata-se de uma brilhante mensagem dos "novos" de Santa Catarina e que se incorpora, com o mesmo espírito de independência e o mesmo sentido de renovação artística e literária, a esses numerosos grupos de jovens que, multiplicando-se por todo o país, erguem sua palavra inquieta e sugestiva através de vivas e palpitantes revistas. Devemos assinalar que raramente assistiu o Brasil a um movimento tão intenso entre as suas gerações".
Por uma triste ironia do destino, que é inexorável, foi justamente no governo do antigo diretor do Suplemento em tela que a revista SUL morreu... E por falta de dinheiro.

consequências das incompreensões que pesam muito mais do que o problema financeiro. Os anos foram passando, SUL, nascida do idealismo de jovens intelectuais, foi sendo manida com sacrifícios penosos. Salim Miguel, essa capacidade de intelectual e escritor de grandes dotes, autor de REDE, livro que revolucionou a provincia, fez ginásticas para manter bem via e palpitante a SUL. Mas, um dia, cansado da

luta, pois o dinheiro escasseou, êle deu a notícia pesada: SUL adoeceu e era iminente a sua morte. E morreu mesmo. Hoje, dizemos adeus a SUL com o mesmo pesar como se dessemos adeus a tôdas as revistas culturais brasileiras, pois, desgraçadamente, a única revista literária e cultural do Estado já está enterrada. Juntamos a nossa corôa de flores às inúmeras que chegaram para o entêrro da SUL.

COMO NASCEU A REVISTA
Em 1948, um grupo de rapazes, sentindo a necessidade de divulgar a cultura catarinense, fundou SUL, armando, assim, a ponte de que nos fala o romancista. A odisséia foi grande. E desnecessário narrá-la, porque na provincia os que pretendem realizar algo no setôr da cultura sofrem as



Florianópolis, Quarta-Feira, 26 de Fevereiro de 1958

PAUSA PARA MEDITAÇÃO

Merece transcrito, o artigo abaixo, publicado na edição de ontem do Diário Carioca.
ANTES do início de um novo ano letivo, não se via nada mau que cada um dos participantes dessa grande tarefa, que é a educação da infância e da juventude, se recolhesse momentaneamente do bulício da vida que se corre, fazendo uma pausa para meditação.

Russa-nês

Revista SUL n.30, revista do círculo de arte moderna, de Florianópolis - Já estávamos habituados a registrar "SUL" nesta secção e agora nos chega este numero que é a sua morte definitiva ou temporária. Ignoravamos a decisão de seus realizadores, por isso nos chocou a ocorrência como um acidente fatal e confessamos que muito nos comoveu o seu adeus, que não sendo melancólico, dadas as razões de seus responsáveis, desperta profunda magoa em todos quantos se interessam pelas coisas do espirito. As nossas relações com "Sul" datam de pouco tempo? não lhe conhecemos, portanto, os bastidores, mas so por constituir uma iniciativa de "moços" que já dura dez anos, mereceria maior respeito a sua sobrevivência. E morrer assim, supomos, em plena maturidade? Até quando existira como uma circunstancia adversa, neste imenso Brasil, a incompreensão dos governos, dos particulares poderosos, dos pseudo-intelectuais em relação a verdadeira cultura? Essa a doença - o velho flagelo epidêmico, de surtos mais ou menos virulentos, de que nunca nos livramos, desgraçadamente - referida por Esdras do Nascimento, na autopsia de "Sul". E ele terminou assim o seu excelente artigo "Ilha e a Ponte": "O fato é que "Sul" vai morrer. De morte matada. Na hora do enterro, justo é que se faça o necrológio da morta. E dos parentes, mais próximos. Quando "Sul" era mais nova, menina ainda, Anibal Nunes Pires é que lhe dirigia os passos. Ody Fraga ajudava. Depois, Salim Miguel assumiu a responsabilidade de encaminhar a moça na vida, auxiliado pelo tio mais chegado, pelo poeta Walmor Cardoso da Silva. A revista cresceu, se fez adulta. Arranjou namorados as desenhas. E noivou algumas vezes. Paseou muito. Compareceu a muita reunião bonita. E a sua casa foi sempre uma casa aberta a todos os que quiseram se irmanar aos seus parentes e amigos. Dezenas, centenas de nomes apareceram na revista. Novos. Novíssimos. Velhos. Anciãos. Até defuntos. "Sul" nunca teve preconceitos. Nunca partiu de pontos de vista preestabelecidos. Uma prova disto é a relação abaixo. Nela figuram, em ordem alfabetica, os nomes de todas as pessoas que de uma maneira ou outra colaboraram para que "Sul" chegasse a ser o que é: uma magnifica realidade que, infelizmente, vai virar mero capítulo de historia. Uma simples olhada basta para evidenciar que a revista foi prestigiada por todos (ou quase todos) os intelectuais do Brasil, inclusive por alguns estrangeiros de calor incontestes."

Porto Alegre, em março de 1958.-

À
Uma "turma de rapazes".-

Como introito devo confessar que infelizmente não sou um jovem da mesma estirpe de vocês.- Minha instrução esta recem entrando no círculo secundário, já que por influências nefastas deixei de estudar, já a muito tempo, estando agora acordando para o erro cometido.- Se faça este comentario é para que saibam quem lhes escreve: um "quase ignorante".-

Pelo exposto fica claro que eu nunca havia lido qualquer publicação literária.- Pois só nos interessamos por assunto tal, depois de possuirmos um certo grau de instrução, o que então torna possível compreendermos e sentirmos tudo quanto tem de belo a literatura.-

Em um momento de ócio caiu-me as mãos a revista SUL.- Puz-me a lê-la.- A primeira revelação foi que a revista estava em seu último número.- Ao menos temporariamente.- Porém continuei a leitura e com o passar das páginas foi crescendo em mim uma revolta íntima.- Ao terminar estava completamente indignado com a monstruosidade que fizeram à esta turma de bons brasileiros que são os batalhadores pela causa de SUL.-

Eu nunca havia lido uma publicação como SUL e no dia que assim procedo é para saber que uma revista deste teor deixou de ser editada.-

Eu compreendo muito bem que os motivos que os levaram a tomar atitude tão drástica foram mais do que suficientes e fortes para justificar tal medida.- Sei, por experiência própria, que os principais motivos da quebra de um ideal é a falta de colaboração, de compreensão e apoio integral de quantos possuem capacidade para tal.- Sem esquecer a ajuda monetária.- Sei também que uma publicação como SUL precisaria, para progredir sempre, do apoio governamental.- Sei que no Brasil inteiro --- e não somente em Santa Catarina --- o governo não dá a mínima importância para movimentos como estes.- Principalmente quando são acatadas certas idéias que não lhes vão de acordo.-

A arte sem si não encontra base onde apoiar-se para a sua sobrevivência, e onde quer que ela esteja presente, terá que lutar contra todos e contra tudo.- SUL não poderia fugir da regra.- Porém creio que com vocês aconteceu mais ainda: além de não contarem com o apoio constituído, ainda sentiram falta da colaboração particular de cada um.- O que é muito pior.-

Porém tenho certeza de que estão todos de consciência tranquila, como só o podem ficar aqueles que cumpriram seu dever.-

Felizes são vocês que lutaram pela continuidade deste ideal nobre e justo.- Infelizes, por certo o são, todos aqueles que podendo e tendo capacidade e meios para tal, viram esta obra desmoronar sem "mecher dedo".-

Dez anos se passaram desde a germinação da ideia.- E hoje, depois de vê-la frutificar, vocês assistem sua morte.- É sumamente triste e constrangedor.- Porém a iniciativa foi tomada, e esse mérito lhes é creditado.- Talvez depois de algum tempo de interrupção vocês voltem ao campo de luta e tentem uma vez mais vencer a batalha.- Caso isso não suceder há possibilidades de surgir noutro canto qualquer deste imenso Brasil, "outra ilha, outra ponte, outra turma de rapazes" que em um rasgo de coragem continuem essa obra tão bem começada.-

Até que tal aconteça, esperaremos, porém com a certeza de que falta alguma coisa para completar este fator dantesco e de valor indescrivível, no setor cultural, que é uma publicação congênere a SUL.-

Porém, meu desejo sincero, e que vocês voltem outra e derradeira vez.- Que num esforço titânico voltem a publicar SUL.- Voltem a lutar immanados pela mesma causa.- Mesmo relativamente incrédulos, voltem...

...eu desejo ainda ler o número 31 de SUL.-

Esperando sempre, subscrevo-me respeitosa e sinceramente.-

Jorá Machado
Jorá Ribeiro Machado.-
Riachuelo, 314 - apto 33
Porto Alegre - R.G.S.-